



Universidade: presente!

UFRGS
PROPEAQ



XXXI SIC

21. 25. OUTUBRO • CAMPUS DO VALE

Evento	Salão UFRGS 2019: SIC - XXXI SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2019
Local	Campus do Vale - UFRGS
Título	REALISMO INTERROMPIDO EM JUBIABÁ (1935), UMA SÍNTESE DO ROMANCE PROLETÁRIO DE JORGE AMADO
Autor	ISMAEL CUNHA FREITAS
Orientador	ANTONIO MARCOS VIEIRA SANSEVERINO

REALISMO INTERROMPIDO EM *JUBIABÁ* (1935), UMA SÍNTESE DO ROMANCE PROLETÁRIO DE JORGE AMADO

Ismael Cunha Freitas (PROBIC FAPERGS-UFRGS)

Prof. Orientador Antônio Marcos V. Sanseverino

RESUMO: O presente trabalho é desdobramento de um estudo inicial, A representação da “mulata” no progresso fraturado de *Gabriela Cravo e Canela* (FREITAS, 2018). Através de uma representação fetichizada da “mulata”, o romance de 1958 deixa latentes as tensões históricas de heranças patriarcais-escravistas, engessadas sobre a intersecção de raça, classe e gênero (DAVIS, 2016). Tal suposição só pôde ser confirmada quanto à interrupção do fluxo da narrativa, pois, daí, pela apreensão do detalhe, de um gesto que se perde no discurso do narrador, se sobressai com assombro (BENJAMIN, 2012) a violência na representação do corpo da mulher negra e pobre no Brasil. No romance proletário, com atenção nuclear em *Jubiabá* (1935), estuda-se o quanto há de recorrência desses resquícios de violência na prosa amadiana. O romance traz a trajetória de Antônio Balduino, protagonista negro, que, na formação proletária, passa de boxeador a estivador engajado na greve. O realismo amadiano, com o andamento da prosa no chão do momento cronológico-histórico, envolve o leitor, um gesto narrativo, aparentemente fundado na experiência dos contadores de história. Assim, a interrupção como gesto crítico deflagra na obra um movimento dialético de continuidade e parada, um paradoxo de mobilidade e engessamento das tensões sócio-históricas (FREITAS, 2018). A interrupção expõe uma fissura no fluxo narrativo, colocando em evidência uma falha, que, de outra forma, ficaria naturalizada na continuidade do romance. A leitura crítica de *Jubiabá*, em relação a esse método analítico ensaiado, se mostra interessante porque a obra se sintetiza em um romance de formação (LUKÁCS, 2009). Uma narrativa de representação da cultura popular, cujo clímax evidente é o despertar da consciência para a luta de classes. Dessa forma, o nó da pesquisa se amarra à potencial leitura por uma dupla valência na obra. Para a metodologia, será operado o recorte da cena, nos moldes de Erich Auerbach, em *Mimesis* (2015), com especial atenção à representação do cotidiano comum levado à sério. *O Narrador*, *as Teses sobre o conceito de história*, e *Que é o Teatro Épico?* (2012), de Walter Benjamin, também são ensaios chave para o trabalho. *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, bem como o ensaio de Georg Lukács em *A Teoria do Romance* sobre a obra de Goethe, é fundamental para pensar o romance de formação. Em chão brasileiro, a lógica da formação do proletário e negro, ganha especificidade, e as obras de Angela Davis (2016) e Carla Akotirene (2018) mostram-se cruciais para se pensar o cruzamento raça, classe e gênero, de um lado, e a representação tensionada na obra de Jorge Amado, de outro.